

# SÓ SOCIALMENTE...

## ORGANIZADORES

Odair Dias Gonçalves e  
Francisco Inácio Bastos

## AUTORES

Alessandro Baratta  
Clara Lúcia Inem  
Domingos B. G. da Silva Sá  
Eduardo Mascarenhas  
Elisaldo Carlini  
Isaac Karniol  
João de Deus L. Menna Barreto  
Nélio Machado  
Nilo Batista  
Oswald Moraes Andrade  
Regina Abreu  
Sebastian Scheerer  
Técio Lins e Silva

RELUME



DUMARÁ

# SÓ SOCIALMENTE...

Francisco Inácio Bastos e Odair Gonçalves  
(organizadores)

RELUME  DUMARÁ

©Copyright, 1992: dos autores.  
Cedido para esta edição à  
DUMARÁ DISTRIBUIDORA DE PUBLICAÇÕES LTDA.  
R. Barata Ribeiro, 17 sobreloja 202  
22011-000 — Rio de Janeiro — RJ  
Tel: (021)542-0248 — Fax: (021)275-0294

*Coordenação Editorial*  
Alberto Schprejer

*Estabelecimento de Texto*  
Cláudia Medeiros

*Editoração Eletrônica*  
DeskSys

*Capa*  
2 Pontos Design

**CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte**  
**Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.**

S651 *Só socialmente: os fatores psicoativos nas relações humanas através dos tempos / Francisco Inácio Bastos e Odair Gonçalves (organizadores). — Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.*

ISBN 85-85427-18-3

1. Toxicomania. 2. Drogas — Abuso — História. 3. Drogas — Abuso — Aspectos psicológicos. 4. Drogas — Abuso — Aspectos sociais. 5. Drogas — Abuso — Aspectos jurídicos. I. Bastos, Francisco Inácio. II. Gonçalves, Odair. III. Título: Os fatores psicoativos nas relações humanas através dos tempos.

92-0742

CDD — 362.293  
CDU — 178.8

*Patrocínio*

AFEBA — Associação Fluminense de Ex-bolsistas na Alemanha  
Dr. Orlando Barbieri (presidente)

Goethe Institut — ICBA — Instituto Cultural Brasil-Alemanha  
Dr. Anton Regenberg (diretor)

*Apoio Cultural*

UERJ — Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja ela total ou parcial, constitui violação da lei de Direitos Autorais.

## SEMINÁRIO

### OS FATORES PSICOATIVOS NAS RELAÇÕES HUMANAS ATRAVÉS DOS TEMPOS: PROBLEMA HISTÓRICO?

19/21 de novembro de 1991

#### Comissão Organizadora

- Odair Dias Gonçalves — Vice-Presidente da AFEBA
- Reinhard Sauer — Vice-Diretor do Goethe Institut — ICBA
- Domingos Bernardo G. Silva Sá
- Sandra Lyra — Coordenadora da Programação Cultural do Goethe Institut — ICBA
- Francisco Inácio Bastos
- Clara Lúcia Inem
- Yvonne Stern — Diretora Cultural da AFEBA

#### Patrocínio

- AFEBA — Associação Fluminense dos Ex-Bolsistas da Alemanha
- Orlando Barbieri — Presidente  
GOETHE INSTITUT — ICBA — Instituto Cultural Brasil-Alemanha
- Anton Regenbergl — Diretor

#### Apoio

Centro Cultural Banco do Brasil

2 Pontos Design

## Sumário

<b>Apresentação</b>	9
<b>Introdução</b>	11
<b>I. Os fatores psicoativos nas relações humanas através dos tempos</b>	13
• Regina Abreu <b>Plantas psicoativas: símbolos de identidade social</b>	15
• Francisco Inácio Pinkusfeld Bastos <b>Cocaína — Uma carreira na história</b>	25
• Alessandro Baratta <b>Fundamentos ideológicos da atual política criminal sobre drogas</b>	35
• Tércio Lins e Silva <b>Produção e consumo de “drogas” no contexto sócio-político contemporâneo</b>	51
• Nilo Batista <b>A cura, o êxtase e a transcendência</b>	57

<b>II. O discurso médico-jurídico: sua influência na formulação do problema</b>	<b>63</b>
• Sebastian Scheerer Teses para a aporia do discurso médico-jurídico	65
• Isac Karniol Subsídios à problematização dos discursos médico e jurídico	71
• Oswald Moraes Andrade Aspectos clínicos e psicossociais do consumo de drogas	75
• João de Deus Lacerda Menna Barreto A questão jurídica	83
• Nélio Machado O discurso penal e a lei de drogas	89
<b>III. Os fatores psicoativos nas relações humanas na sociedade contemporânea — tratamento do problema</b>	<b>99</b>
• Elisaldo Carlini Fatores psicoativos nas relações humanas na sociedade contemporânea: visão de um psicofarmacologista	101
• Alessandro Baratta A atual política sobre drogas: uma visão crítica	109
• Eduardo Mascarenhas Prioridades no enfrentamento da questão	113
• Clara Lúcia Inem A adolescência e o uso de substâncias psicoativas — um problema social	119
• Domingos Bernardo G. Silva Sá Mais um crime que não compensa...	127
<b>Os Autores</b>	<b>135</b>

## Apresentação

“Só socialmente” é a frase-padrão com que a maioria dos alcoólatras dissimula sua dependência da bebida. Por isso, serve de título a esta coletânea de textos sobre aspectos históricos, psicossociais, jurídicos e médicos sobre a questão das drogas — aqui chamadas, de modo preciso e técnico, de “fatores psicoativos” —, âmbito em que o álcool, naturalmente, não pode estar ausente.

A questão das drogas é uma realidade inegável na sociedade contemporânea. Sua incidência na vida cotidiana das grandes metrópoles envolve desde aspectos comportamentais até poderosíssimos interesses econômicos, desde enfoques legais até políticas públicas de prevenção e tratamento.

Por tudo isto, trata-se de um tema que só pode ser abordado a partir de uma abordagem multidisciplinar, em que especialistas de diferentes áreas confluem, na diversidade de suas contribuições, para o enriquecimento das análises e a indicação dos caminhos a seguir.

A importância e a seriedade dos textos reunidos neste livro podem ser medidas apenas a partir dos nomes dos autores, brasileiros e estrangeiros de reconhecimento internacional por seu indiscutível conhecimento sobre o tema, que vêm desenvolvendo há anos trabalhos de reflexão e elaboração sobre os mais diversificados aspectos da problemática da droga. Sua inclusão neste volume assegura um novo estágio no debate sobre a questão no Brasil.

Este livro é fruto de um seminário realizado em 1991, sob os auspícios do ICBA e da AFEBA, cujo eixo central era a historicidade, no seio das relações

humanas, dos fatores psicoativos. Para dar ao leitor uma prévia do que irá encontrar no interior do volume, transcrevemos aqui os títulos das três seções em que estão agrupados os trabalhos: “Os fatores psicoativos nas relações humanas através dos tempos”; “O discurso médico-jurídico: sua influência na formulação do problema”; e “Os fatores psicoativos nas relações na sociedade contemporânea — tratamento do problema”.

Que o leitor interessado nesta questão, tão delicada e de tamanha importância nos dias de hoje, faça bom proveito desta notável.

*Os editores*



## Introdução

A questão do uso de drogas na sociedade contemporânea tem sido amplamente abordada nos meios de divulgação, mas em geral sob uma ótica maniqueísta e enfocando somente aspectos patológicos. O problema é constantemente reduzido aos viciados já incapacitados para o convívio social ou às eletrizantes perseguições a perigosos traficantes. Costuma-se atribuir a responsabilidade do problema apenas a estes, afigurando-se a sociedade/indivíduo como instituição/sujeito absolutamente indefesos.

Com o objetivo de dar ao público em geral uma visão mais abrangente dos diversos aspectos da questão, a Associação de Ex-Bolsistas da Alemanha (AFEBA) e o Instituto Cultura Brasil Alemanha (ICBA) organizaram uma série de debates sob o título "Os fatores psicoativos nas relações humanas através dos tempos: Problema histórico?". O evento realizou-se no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, de 19 a 21 de Novembro de 1991. História, Sociologia, Psicanálise, Medicina e Ciências Jurídicas foram algumas das áreas do conhecimento chamadas a intervir na análise da questão.

As palestras se realizaram em três dias, agrupadas em três temas básicos. No primeiro, a abordagem foi histórica: como os fatores psicoativos têm sido encarados através dos tempos, a evolução e a propagação do uso de drogas na sociedade, seus usos ritualísticos e outros.

No segundo dia tratou-se da gênese do problema, focalizando-se os dois discursos que classificam e normatizam o uso de drogas na sociedade contemporânea: o discurso médico e o jurídico.

Na última etapa, dedicada ao “Tratamento do Problema”, o destaque foi sobre como a chamada “modernidade” lida com a questão, o papel dos psicóticos nas interações sociais e na construção da subjetividade do homem moderno e os impactos que eles ocasionam na economia.

Todos os autores tiveram absoluta liberdade para abordar os temas de acordo com o seu ponto de vista. O tempo concedido a cada expositor foi idêntico e, para este livro, lhes foi dado a escolher entre enviar um texto escrito relativo à sua apresentação ou ter sua comunicação oral transcrita e posteriormente revisada pelos mesmos. Os autores europeus — Profs. Baratta e Scheerer — optaram respectivamente por enviar versões em castelhano e português, tendo sido o texto em castelhano traduzido por um de nós (FIPM). Alguns dentre os expositores se utilizaram de diapositivos, infelizmente não reproduzidos na presente edição, o que eventualmente pode ser observado em alguma passagem. Também a critério dos autores ficou a inclusão ou não de bibliografia de referência, assim como as normas de apresentação das mesmas.

Gostaríamos de registrar nosso agradecimento aos colegas da comissão organizadora do evento, à direção e funcionários do ICBA, em particular ao Dr. Reinhard Sauer e a Sandra Lyra, ao Centro Cultural Banco do Brasil, que nos cedeu as instalações e suporte técnico, e à Dra. Maria Tereza de Aquino, pelo apoio ao trabalho de editoração.

Finalmente, mas não menos importante, nosso agradecimento à cooperação e dedicação com que os autores se dispuseram a este trabalho.

*Os organizadores*

# Plantas Psicoativas: Símbolos de Identidade Social

## I

Regina Alroy

### **Os fatores psicoativos nas relações humanas através dos tempos**

A partir da década de 70, verifica-se um incremento significativo de pesquisas antropológicas sobre a temática de uso social de plantas psicoativas. O que antes representava um universo fechado e especializado de alguns pesquisadores passou por aquisição apesar de muito mais circunstancialidade. Observa-se o desenvolvimento de um conjunto notável de pesquisas em universidades americanas, europeias e também em algumas universidades latino-americanas como o Instituto Indigenista Latinoamericano, em Lima, no Peru. É também deste período o célebre estudo de antropólogo Carlos Castañeda sobre o uso de peyote, num livro que se tornou clássico e que foi traduzido em várias línguas, no qual descreve o universo do grupo Dr. Juan. Também fica portanto que durante o desenvolvimento e expansão de uso social das plantas psicoativas ocorre a inserção gradual e crescente no rol dos objetos contemplados da Antropologia Social, com a complexificação social e o desenvolvimento de parâmetros.

## **Plantas Psicoativas: Símbolos de Identidade Social**

*Regina Abreu*

“Como os antropólogos vêm interpretando a polémica questão relacionada ao uso de plantas psicoativas em diferentes sociedades humanas?”

Esta indagação não conduz a uma resposta uniforme. Há certamente muitas variações entre os vários pontos de vista dos pesquisadores envolvidos neste campo de estudos. Entretanto, tomando por base alguns dos estudos mais representativos, acredito ser possível detectar alguns pontos de contato e, desse modo, apresentar num panorama genérico alguns dos pressupostos básicos da Antropologia sobre o tema.

A partir da década de 60, verifica-se um incremento significativo de pesquisas antropológicas sobre a temática do uso social de plantas psicoativas. O que antes representava um esforço isolado e episódico de alguns pesquisadores parece ter adquirido a partir de então uma sistematicidade. Observa-se o desenvolvimento de um conjunto razoável de pesquisas em universidades americanas, européias e também em algumas universidades latinoamericanas como o Instituto Indigenista Latinoamericano, em Lima, no Perú. É também deste período o célebre estudo do antropólogo Carlos Castañeda sobre o uso do peiote, num livro que se tornou clássico e que foi editado em várias línguas, no qual descreve o universo do mago D. Juan. Tudo indica portanto que dos anos 60 em diante a temática do uso social das plantas psicoativas tenha se inserido gradativamente no rol dos objetos consagrados da Antropologia Social, como a organização social e os sistemas de parentesco.

Tomando como foco de análise uma pequena amostra dos ensaios antropológicos sobre o uso social de plantas psicoativas editados no período em questão, observamos uma preocupação recorrente em consolidar um olhar antropológico sobre a matéria. Nesta direção, os autores enfatizam a idéia de singularidade de cada cultura. Na maior parte dos ensaios observa-se logo de início a relativização de conteúdos generalizantes e idéias pré-concebidas, numa atitude de exorcismo a qualquer tipo de etnocentrismo. Ao tomar como objeto de análise o uso social das plantas psicoativas, os autores investigam esta prática como um hábito, um costume cujo sentido só pode ser desvendado quando contextualizado. Dessa forma, parece não haver a preocupação em estabelecer leis gerais sobre um fenômeno geral. Efetivamente, os pesquisadores parecem não compreender o tema do uso social das plantas psicoativas desta forma. Pelo contrário, o objetivo das pesquisas consiste fundamentalmente em desvendar o fenômeno como particular, único, intransferível, próprio de culturas igualmente particulares, únicas, intransferíveis.

Nesta direção, podemos citar os trabalhos de Marlene de Los Rios sobre a cura com ajuasca num bairro pobre da cidade de Iquitos no Perú, os trabalhos de Henry Munn sobre o uso de cogumelos entre os índios Mazatec no Perú, o trabalho de Bryce Boyer, da Universidade da Califórnia, sobre o uso do peiote entre os índios apaches.

A noção de cultura aparece como central nestes estudos antropológicos. Aliás, esta parece ser a tônica do olhar antropológico sobre as sociedades humanas. A concepção de que não se deve dissociar o fenômeno do contexto cultural em que está inserido tornou-se um verdadeiro mandamento para a Antropologia. No entender dos antropólogos, é justamente este contexto cultural que confere sentido ao fenômeno. Em outras palavras, o uso de plantas psicoativas vem sendo interpretado levando-se em conta um sistema específico de valores e símbolos compartilhados por indivíduos numa cultura.

A noção de cultura, enquanto instrumental básico, sinaliza diretamente para a noção correlata de diversidade cultural. Esta, por sua vez, situa-se na raiz de uma significativa contribuição da Antropologia aos destinos não apenas das Ciências Sociais, mas do próprio planeta: a relativização dos valores e das crenças dos agrupamentos humanos. Lévi-Strauss, em um texto clássico, posicionou-se enfaticamente em prol da "necessidade de preservar a diversidade das culturas num mundo ameaçado pela monotonia e pela uniformidade". Para o antropólogo francês, "é o fato da diversidade que deve ser salvo, não o conteúdo histórico que cada época lhe outorgou e que nenhuma poderia perpetuar além de si própria. Cumpre, pois, escutar o trigo que germina, encorajar as potencialidades secretas, despertar todas as vocações de viver junto

que a história mantém em reserva; cumpre também estar pronto a encarar sem surpresa, sem repugnância e sem revolta o que todas essas novas formas sociais de expressão não poderão deixar de oferecer de inusitado. A tolerância não é uma posição contemplativa, dispensando as indulgências ao que foi ou ao que é. É uma atitude dinâmica, que consiste em prever, em compreender e em promover o que quer ser. A diversidade das culturas humanas está atrás de nós e diante de nós. A única exigência que poderíamos fazer valer a seu respeito é que ela se realize sob formas das quais cada uma seja uma contribuição à maior generosidade das outras”.

Uma outra característica marcante dos ensaios analisados é aquela que sinaliza para a vinculação íntima do uso social de plantas psicoativas com o mundo do sobrenatural. Segundo a observação dos ensaios antropológicos consultados, o uso de plantas psicoativas para atingir estados de êxtase, visando o contato com o mundo sobrenatural, parece ser uma prática humana antiga, difundida e generalizada, presente nas mais diferentes culturas.

Michael Harner, da Universidade de Oxford, assinala que “fazendo uso de uma planta de poder, um indivíduo defronta-se diretamente com visões e experiências que tendem a reforçar suas crenças no mundo do sobrenatural.” Para ele, enquanto os membros de civilizações letradas fundamentam seus conhecimentos religiosos em livros, as pessoas inseridas em culturas tradicionais ou sociedades não-letradas freqüentemente buscam um contato direto com o sobrenatural enquanto evidência de uma realidade religiosa.

No contexto das práticas xamanísticas, as plantas psicoativas, consideradas sagradas, desempenham a função de veículos que conduzem o homem ao mundo dos espíritos ou do sobrenatural. Através do uso de plantas psicoativas na esfera do sagrado, os indivíduos buscam um distanciamento com relação ao seu cotidiano, visando o ingresso num estado de consciência capaz de permitir a concentração e a revelação.

Associando o uso social de plantas psicoativas ao contexto religioso, os pesquisadores vêm observando que, de diferentes maneiras, todas as religiões dispõem de veículos próprios para contatar o universo do sagrado. O uso de plantas psicoativas, em muitos casos, combina-se com maneiras de respirar, movimentos corporais, cânticos, estimulação sonora ou visual, rezas, mantras. Em outros casos, ao invés do uso de plantas psicoativas, recorre-se a práticas como o jejum, a auto-flagelação, exercícios corporais, meditação, danças rituais, batuques.

Há indícios, por exemplo, de que o canto gregoriano, com seu fraseado longo, proporciona maior permanência de CO<sub>2</sub> na corrente sanguínea e de que o jejum intensifica a produção de adrenalina. De qualquer modo, as plantas

psicoativas, em algumas culturas tradicionais, aparecem como o meio mais rápido e eficaz de atingir o sobrenatural.

No caso das culturas chamadas tradicionais, por oposição à cultura ocidental moderna, foi também observada a predominância de um modelo hierárquico, onde um segmento em especial desempenha as funções de intermediação entre o mundo dos deuses (sagrado) e o mundo dos homens (profano). Os sacerdotes travam contato direto com o sobrenatural e funcionam como guias, orientando a passagem dos fiéis de um estado a outro. O termo "xamã" para designar genericamente o sacerdote das culturas tradicionais vem sendo utilizado na maior parte dos ensaios analisados. Este termo é originário da tribo dos Tungus na Sibéria. Um xamã pode ser definido como um homem ou uma mulher que entra em contato direto com o mundo dos espíritos através do estado de êxtase. Geralmente um xamã dispõe de um ou mais espíritos sob o seu comando, dispostos a cumprir suas ordens para o bem ou para o mal. Os xamãs enfeitiçam pessoas com a ajuda de espíritos, ou ainda curam pessoas doentes também com a ajuda de espíritos. Dependendo das tradições e das crenças, um xamã pode também influenciar o curso dos acontecimentos, encontrar objetos roubados, adivinhar a identidade de pessoas que cometeram algum delito, entrar em comunicação com espíritos de parentes ou amigos de clientes, prever o futuro e praticar clarividência.

As pessoas das culturas nas quais os xamãs operam acreditam que ele seja capaz de travar contato e lidar com o mundo dos espíritos. As plantas psicoativas neste contexto são compreendidas como plantas sagradas sob o domínio dos xamãs. O conhecimento sobre as maneiras de utilização e os efeitos provocados é o resultado de tradições milenares difundidas através das gerações. Neste contexto, parece significativo apontar que o que está em jogo é um complexo sistema de crenças, com muitas variações entre as diferentes sociedades, mas com o substrato comum de que cada um destes sistemas de crenças funciona de forma mais ou menos integrada, contando com a adesão de seus membros, o que lhes confere extraordinária eficácia. Um sistema de crenças é a base sobre a qual uma cultura se organiza e se mantém.

Marlene de Los Rios, em seu estudo sobre o uso da aiuasca para cura num bairro pobre de Iquitos na Amazônia peruana, chama a atenção para o sistema de crenças naquela localidade. A população que busca a cura através da aiuasca entende que adoeceu por um problema espiritual. Por isso necessita entrar em contato com o mundo dos espíritos através de um veículo, sob a orientação de um xamã. Na comunidade do Santo Daime na Amazônia brasileira, onde realizei uma pesquisa de campo, há uma crença generalizada de que o daime ou a aiuasca representa a materialização do ser supremo que comanda todo o

movimento do universo. Da mesma maneira que na religião católica a hóstia consagrada representa de forma material Jesus Cristo, o daime é consagrado como a consubstanciação da entidade suprema.

E quando num sistema de crenças os adeptos acreditam firmemente que as doenças são contraídas pelas forças do astral, eles também tendem a acreditar que a cura só seja possível através do contato com o astral. Na comunidade do Santo Daime, os doentes mesmo fazendo uso de remédios e chás não dispensam o uso do Santo Daime, por acreditarem que apenas o ser sagrado possa abrir caminho para a cura.

Outro aspecto que se pode depreender dos estudos aqui analisados diz respeito à própria formação da cultura ocidental moderna (sobre este conceito, ver Louis Dumont, *O Individualismo*). Historicamente, há indícios de que nossos ancestrais faziam uso de plantas psicoativas no contexto religioso. Antropólogos e historiadores culturais vêm se dedicando a pesquisar a feitiçaria na Europa medieval. Através do acesso a processos da Inquisição tem sido possível realizar novas descobertas. O antropólogo americano Michael Harner, e mais recentemente o historiador italiano Carlo Ginzburg, vêm se dedicando ao estudo de uma cerimônia bastante freqüente na Europa medieval conhecida como Sabá. Nesta cerimônia, feitiçeiros(as) e bruxos(as) acreditavam poder realizar vãos noturnos, deslocando-se através dos ares. Estes indivíduos eram em sua maior parte curandeiros que, através do contato com o mundo dos espíritos, atendiam doentes e faziam trabalhos espirituais. Os agentes da inquisição forçaram estes indivíduos, através de pressões e torturas, a longas confissões. Hoje há um número significativo de pesquisadores trabalhando com estes depoimentos, incluindo estudos sobre a passagem da inquisição no Brasil colonial, onde também houve perseguição a feitiçeiros(as) (Laura Mello e Souza, *O diabo na terra de Santa Cruz*).

Estes antropólogos e historiadores culturais vêm fazendo descobertas com relação ao uso de plantas psicoativas nos rituais de feitiçaria. Segundo Michael Harner, o símbolo da bruxa voando através do ar montada numa vassoura realmente representa um aspecto central da feitiçaria européia envolvendo o uso de plantas psicoativas. As feitiçairas européias besuntavam seus corpos com um unguento contendo plantas como a *Atropa Belladonna*, a *Mandragora* e uma substância extraída de aves, cujo teor de *Atropina* era absorvido através da pele. Desse modo, as feitiçairas sentiam-se transportadas no espaço como se estivessem voando.

A difusão de imagens de feitiçairas voando montadas em vassouras passou a representar uma jornada aérea ao encontro com espíritos, que ficou conhecida por Sabá.



Um pesquisador contemporâneo de Galileu, chamado Porta, fez extensa descrição das atividades de uma feiticeira e de suas "viagens" através de unguentos combinados com dietas vegetarianas e sucos soporíferos no ano de 1562. Um alemão estudioso de ocultismo, Karl Kiesewetter, inspirado nos registros de Porta fez uma amostra de unguentos das feiticeiras (1902). Após passar em seu corpo, teve um sonho no qual voava em espirais. Segundo Michael Harner, esta experiência teve lugar no começo deste século. Mais recentemente, um outro professor alemão, Professor Erich Peukert de Göttingen, empregou a mesma fórmula. Segundo suas descrições, ele sentiu-se transportado para festas e aventuras semelhantes às descrições dos participantes do Sabá.

Estes estudos trazem indícios suficientes de que a relação das plantas psicoativas com o mundo sobrenatural é bastante antiga e difundida no espaço e no tempo. Pesquisas do arqueólogo sul-africano David Lewis-William concluíram que pinturas deixadas pelos homens da Idade da Pedra na caverna de Lascaux, no sudoeste da França, teriam sido criadas sob o efeito de transes xamanísticos que, provavelmente, incluíam o consumo de plantas psicoativas.

Chegamos finalmente ao terceiro ponto de nossa exposição: as plantas psicoativas configuram, em muitos casos, símbolos de identidade social. Os indígenas quechuas e aymaras, por exemplo, reconhecem na "coca" virtudes espirituais e biológicas que a tornam um verdadeiro símbolo de identidade étnica. Diante desta situação, o Instituto Indigenista Interamericano tem sustentado a necessidade de que os governos dos países onde existe esta tradição a reconheça legalmente. Este Instituto chega a levantar que tal reconhecimento significaria uma estratégia realista para o combate ao narcotráfico, assegurando o respaldo do setor indígena, humilhado pela degradação de seu símbolo. Outro caso que vale a pena mencionar é o caso de "peiole" na América do Norte, que gerou um conflito dos indígenas contra o Estado americano. Este conflito teve fim com o reconhecimento por parte do Congresso do caráter sagrado do uso tradicional do "peiole". (*América Indígena*, 1986: 6-8).

Outro caso bastante polêmico relaciona-se ao uso da "cannabis sativa" pelos adeptos do Santo Daime na Amazônia brasileira. Este caso traz à tona uma outra questão crucial para a reflexão sobre o uso social de plantas psicoativas. Refiro-me aos processos complexos de interações culturais. O antropólogo Claude Lévi-Strauss foi um dos primeiros a chamar a atenção para esta problemática. Com o advento da modernidade, as diferentes culturas tendem a se mesclar, sofrendo fortes influências por parte da cultura ocidental dominante. Neste contexto, ocorrem mudanças nas culturas tradicionais. A incorporação da "cannabis sativa" na cultura amazônica do Santo Daime

representa um destes fenômenos de interação cultural. Embora no contexto do xamanismo amazônico, de maneira geral, apenas a aiuasca seja utilizada como veículo de acesso ao sobrenatural, uma comunidade específica passou a fazer uso da “cannabis sativa” em seus rituais, inclusive para trabalhos de cura. Isto se deu por volta dos anos 70. A “cannabis” foi incorporada sob o nome de “Santa Maria” e passou a representar o princípio feminino da Doutrina. O líder desta comunidade relatou que a “Santa Maria” lhe foi entregue “pelas mãos de uma entidade feminina poderosíssima”, a “Rainha da Floresta”, que aparece também associada à figura da Virgem Maria. Ele contou ter tido um sonho. Estava caminhando numa estrada quando um homem montado num cavalo preto e de expressão amiga lhe disse: “— Você vai entrar numa outra linha, e terá que aprender às suas custas.” Depois disso ele se viu “num jardim formado por pequenos arbustos de uma planta que não conhecia, quando apareceu uma mulher muito bonita e vestida de branco, que caminhou em sua direção com os galhos da planta dizendo que aquelas plantas eram para cura”. “Essa árvore é de uma grande sabedoria — relatou o líder — pois o ser dela falou nesse ouvido aqui que quem a usasse, buscava a sabedoria do Espírito Santo. A terceira pessoa do Espírito Santo é a Virgem Soberana Mãe, que inclui todas as árvores e nós também estamos incluídos nelas.” Um outro líder da mesma comunidade ressaltou que a incorporação da Santa Maria havia trazido muita paz na comunidade, e que tinha auxiliado em muito no aspecto de educação familiar. Jovens agitados e rebeldes haviam se tornado mais calmos, mais conscientes de seus deveres e obrigações, mais respeitosos com seus pais. Este mesmo líder fazia entretanto ressalvas com relação ao uso abusivo da Santa Maria. Entre os cânticos rituais havia um que dizia: “Quem não conhece Santa Maria, faz uso dela todo o dia”, sinalizando para um uso que consideravam correto da erva, em oposição ao abuso ou uso desregrado.

A incorporação da cannabis por esta comunidade adquiriu tal grau de importância que passou a representar um dos principais símbolos de identidade cultural. Segundo as palavras de um de seus líderes no início dos anos 80: “A nossa igreja tem duas bandeiras, são duas torres, uma é o daime e a outra a Santa Maria”.

Em 1983, o uso da “cannabis” foi proibido expressamente pela Polícia nesta comunidade. Além da proibição, a comunidade sofreu uma investida policial com a prisão de um dos líderes religiosos. Os “jardins de Santa Maria”, pequenas plantações cultivadas pelas crianças da comunidade, foram destruídos. Evidentemente, neste caso a identidade do grupo foi seriamente abalada em um de seus princípios básicos, o princípio feminino consagrado à Santa Maria.

Casos como este merecem a nossa reflexão. Quando e como o Estado deve intervir numa sociedade tão plural como a nossa? Como atuar neste terreno sem padronizar, ou por outra, sem comprometer o fato de que as culturas devem continuar existindo em sua diversidade? Estas não são questões de fácil resposta. O exemplo das queimas de feiticeiras pela Santa Inquisição não deixou bons resultados. Hoje, todos nós sabemos não ser este o melhor caminho. Por outro lado, as distâncias de tempo e espaço entre as várias culturas se estreitam cada vez mais. Hoje, as diferentes nações procuram alcançar um entendimento sobre os destinos de um patrimônio comum: o planeta Terra. Já se foi o tempo em que culturas tradicionais viviam isoladas, sem contato com o mundo moderno. A interação é a tendência. As diferentes culturas encontram-se num processo frenético de interrelacionamento e de comunicação. Entre os grupos indígenas, sabemos que fatores psicoativos da chamada civilização ocidental moderna, como o álcool, têm sido responsáveis pela degradação e dizimação de sociedades inteiras. No início do ano de 1992, quando o Brasil se prepara para sediar no Rio de Janeiro a Conferência Mundial do Meio-Ambiente e Desenvolvimento (ECO-92), os jornais noticiam o suicídio em massa de adolescentes da tribo dos índios Guaranis, levados pelo alcoolismo e pela perda de referências culturais em decorrência do contato estreito com a cultura urbana local. Por outro lado, fatores psicoativos da civilização ocidental moderna, presentes na farmacologia, vêm sendo ministrados em culturas tradicionais, aliviando o sofrimento e a dor em muitos casos. Líderes destas culturas reivindicam o acesso a bens produzidos pelas indústrias modernas que, muitas vezes, são de extrema utilidade para a manutenção destes agrupamentos sociais. Neste processo de interação não são apenas facas que são permutadas por colares, mas também valores, conhecimentos e sabedorias diversas. Sabemos também que nem sempre estas permutas são efetuadas em condições de harmonia e entendimento. Na Amazônia brasileira e peruana, muitos grupos indígenas encontram-se dominados pelas redes do narcotráfico. Muitos elementos de culturas tradicionais, levados em geral pelo empobrecimento, têm aceitado colaborar com o narcotráfico. Assim, ao tomar como objeto de análise processos de interação entre diferentes culturas, os antropólogos vêm se defrontando com problemáticas que se complexificam. Culturas tradicionais vivendo em total isolamento, sem relação alguma com culturas modernas, hoje só são encontradas nas páginas descritas pelos primeiros antropólogos do começo do século, como no famoso *Argonautas do Pacífico Ocidental*, de Malinowski.

O momento parece ser propício à busca da compreensão e do entendimento entre as várias culturas, visando uma convivência harmoniosa que não sacrifique a pluralidade de crenças e de valores. A diversidade das culturas

implica hoje numa dinâmica de interação num sistema complexo. Qualquer ação por parte do Estado deve pois tomar como ponto de partida duas providências básicas. Em primeiro lugar, entender que a problemática que envolve as plantas psicoativas abarca inúmeras diferenciações. Não se pode colocar no mesmo saco realidades culturais essencialmente diversificadas. Em segundo lugar, é preciso estabelecer um diálogo com essas culturas que, em última instância, configuram-se como objetos. É preciso percebê-las enquanto sujeitos. Não há como isolar fenômenos quando estamos diante de práticas culturais. E isto me parece ser verdade não apenas para as chamadas culturas tradicionais, mas também para muitos casos da própria complexidade urbana. Já está mais do que na hora de ouvir aqueles que fazem uso de plantas psicoativas na cidade, exorcizando pré-conceitos que qualificam de antemão estes indivíduos como bandidos e marginais. Se alguma contribuição a Antropologia pode dar aos destinos do planeta é no sentido da escuta do outro e da decodificação de seus pontos de vista, principalmente em áreas envolvidas por tabus que apenas mascaram os fenômenos, inviabilizando a compreensão. Uma postura mais antropológica neste fim de século constitui sem dúvida num caminho profícuo para o equilíbrio sócio-ambiental dos seres vivos neste planeta Terra.

Começar a ouvir aqueles que realizam determinadas práticas antes de condená-los com base em nossos conceitos e nossa visão de mundo pode ser um bom começo. Complexo, é verdade, mas pleno de possibilidades.

## Bibliografia

1. FRÓES, Vera — *História do povo juramidam — A cultura do Santo Daime*. Ed. do Autor, s/d, Rio Branco.
2. *América Indígena* — revista do Instituto Indigenista Interamericano, n° 1, vol. XLVI, México, 1986.
3. MONTERO, Paula — “A cura mágica da Umbanda”, in *Comunicações do ISER*. Instituto de Estudos Religiosos, Rio de Janeiro, 1986.
4. ABREU, Regina — “A doutrina do Santo Daime”, in *Sinais dos tempos — Diversidade Religiosa no Brasil*. ISER, Rio de Janeiro, 1990.
5. ABREU, Regina — “Daime Santa Maria: uma antropologia de áudios e imagens”, in *Comunicações do ISER*. Instituto de Estudos Religiosos, Rio de Janeiro, 1984.
6. *Revista Ano Zero*: “Entrevista sobre o Santo Daime”. Rio de Janeiro, 1991.

## Os Autores

- **Regina Maria Rego Monteiro de Abreu**  
Antropóloga. Mestre em Antropologia Social pela UFRJ.  
Pesquisadora do Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural.
- **Francisco Inácio Pinkusfeld Bastos**  
Psiquiatra. Mestre (IMS/UERJ, 1988) e Doutorando (ENSP/FIOCRUZ)  
em Saúde Pública, Pesquisador do NEPAD/UERJ.
- **Alessandro Baratta**  
Advogado. Catedrático de Direito do Instituto de Direito e Filosofia  
Social da Universidade Saarland — Alemanha.
- **Técio Lins e Silva**  
Advogado e Professor de Direito Penal.
- **Nilo Batista**  
Advogado. Vice-Governador e Secretário de Justiça e Segurança do  
Estado do Rio de Janeiro.
- **Sebastian Scheerer**  
Advogado. Catedrático de Criminologia da Universidade de Hamburgo  
— Alemanha.

- **Isac Karniol**  
Psiquiatra e Professor da Unicamp.
- **Oswald Moraes Andrade**  
Psiquiatra. Presidente do grupo de trabalho que elaborou a Lei 6368/76.
- **João de Deus Lacerda Menna Barreto**  
Advogado. Desembargador do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro.
- **Nélio Machado**  
Advogado e Professor de Direito Penal.
- **Elisaldo Carlini**  
Psicofarmacologista. Professor de Psicofarmacologia da Escola Paulista de Medicina.
- **Eduardo Mascarenhas**  
Psicanalista. Deputado Federal.
- **Clara Lúcia Inem**  
Psicanalista e terapeuta do NEPAD/UERJ.
- **Domingos Bernardo G. Silva Sá**  
Advogado. Professor de Direito Civil da Universidade Católica de Petrópolis. Membro do CONFEN.

Impressão:

**MARKGRAPH - Estúdio de Criação e Produção Gráfica Ltda.**

Rua Jornalista Orlando Dantas, 56 - Botafogo

CEP - 22231-010 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.: (021) 551.9242

## SÓ SOCIALMENTE...

É possível discutir as drogas de uma forma nova? Aláás, alguém perguntará, certamente: e é preciso inovar alguma coisa no tema?

Se as respostas podem variar, é impossível, porém, deixar de reconhecer que é urgente buscar o discurso certo, seja ele novo ou, quem sabe até, redescoberto, talvez recuperado na experiência de civilizações mais antigas.

"Só socialmente..." sugere muita coisa, inclusive repensar os fatores psicossociais na história humana, desfazendo o "reinado" das chamadas "substâncias entorpecentes" ou psicotrópicas, posto que elas estão entre os psicoativos, mas esses não se restringem, apenas, a entorpecentes ou psicotrópicos, alcançando inúmeras práticas de nossa história cotidiana, aceitas sem maiores objeções, mas nem por isso com menos capacidade de gerar adictos. Este livro é uma séria e rica reflexão sobre tais práticas, onde o leitor encontrará, ainda, o sadio confronto de opiniões diferentes e, muitas vezes divergentes.

Uma coisa, entretanto, é indiscutível: cessam as lutas, serenam as disputas, desculpam-se todos quando passa a ser possível afirmar, sobre qualquer prática, que ela se faz "Só socialmente...".

DOMINGOS BERNARDO